



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE**  
**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS FARMACÊUTICAS**  
**PROGRAMA DE EDUCAÇÃO TUTORIAL (PET-FARMÁCIA)**



**TUTORA: Profa. Dra. Leônia Maria Batista**  
**BOLSISTA: ALLESSYA LARA DANTAS FORMIGA**

**Resenha: Orgulho e preconceito**

Orgulho e preconceito é um filme romântico dramático, estreado em 2005, com duração de 2 horas e 09 minutos e dirigido por Joe Wright. Esse cineasta dirigiu outras obras como “Charles II: The Power & the Passion” e “Poison Ivy”, produções famosas que, atreladas com Orgulho e preconceito, consolidaram sua carreira no cinema britânico. Quanto à aclamação da crítica acerca dos seus trabalhos, isso é refletido em diversas indicações e conquista dos prêmios de Melhor Estreia de Argumentista, Realizador ou Produtor Britânico, Melhor filme britânico e Melhor série de drama, pelo British Academy Film Awards.

O longa retrata a história da família Bennet cuja mãe, Sra. Bennet, sonha em casar suas 5 filhas o mais rápido possível, para que as mesmas possuam um lar, visto que elas não herdarão nenhum bem do seu pai. Quando o Sr. Bingley, um aristocrata, chega na região, a Sra Bennet apresenta suas filhas para o nobre tentando fazer com que ele se encante por alguma. O Sr. Bingley convida a filha mais velha, Jane, para dançar e enquanto isso, a irmã de Jane, Elizabeth, tenta conversar com o amigo do nobre, o Sr. Darcy, que a trata de forma desrespeitosa por ela ser de classe média.

Nessa perspectiva, há a necessidade de criticar o preconceito que existe na alta sociedade diante da população de classes mais baixas, principalmente em relação às mulheres, pois elas são consideradas interesseiras e indignas, o que sustenta o sentimento de antipatia pelos nobres diante da credence baseada na posição social desfavorecida.

Dessa forma, é necessário pôr em ênfase o contexto histórico e social da época em que o filme se passa, no qual as mulheres eram criadas e educadas

até certo ponto, aprendendo apenas a desenhar, escrever, tocar algum instrumento, cozinhar, bordar e ser dona da casa de forma a serem agradáveis para se manter por perto, porém não o suficiente para deixarem de ser fúteis e despreocupadas com o problema dos seus maridos. Elizabeth, contudo, não se enquadra nesse tipo de estereótipo. Ela se demonstrava inteligente, sarcástica e decidida.

Nesse sentido, o drama busca ironizar e criticar o estilo de vida da época em que os casamentos eram arranjados por dinheiro ou de acordo com a classe social, de forma a manter o título e as castas da aristocracia. Além disso, é possível observar nas estrelinhas do longa a crítica em relação aos direitos da mulher naquela época; a humildade falsa e a bajulação destinada aos ricos e poderosos; e a diminuição do pensamento próprio em detrimento às regras sociais e a opinião alheia.

Quanto à estética técnica da obra, é instigante ver a forma como a história é conduzida, envolvendo o espectador aos poucos de forma sutil e simples, abordando elementos cômicos e dramáticos. Os personagens são bem construídos ao longo da narrativa, transparecendo a cada cena as emoções que os espectadores devem sentir ao ver a troca de olhares dos atores. Entretanto, o filme não apresenta um desfecho ideal para a história, além de cenas mal explicadas no decorrer da narrativa, deixando o ouvinte curioso e intrigado com a solução proposta para a trama.